

Folhetim Formativo dos
Alunos do Curso de 3 Anos

S U M Á R I O

PÁGINAS

Editorial.....	1
FILOSOFIA	
"Espaço e Tempo".....	2
ECONOMIA	
"Qual a necessidade do período de transição".....	7
A NOSSA EXPRESSÃO	
Poesia - "Morrer".....	11
Contos - "Vidas amargas".....	12
ADEUS CAMARADA PRESIDENTE	
Literatura - "O Poeta Imortal!".....	14
CRÔNICA DA NOSSA CASA	
Informação.....	18

PIRILAMPO - Curso de 3 anos I - Caixa Postal 229 - Telef. 21301 -
Escola Nacional do Partido

LUANDA

EDITORIAL

PIRILAMPO aparece hoje em suas mãos não como uma revista científica, crônica, ou uma revista publicitária. Surge como fruto do árduo trabalho de um colectivo de alunos que frequentam um curso na Escola Nacional do Partido. E dos temas mais difíceis às vezes de compreensão, procuram demonstrar que podem ser compreendidos facilmente.

É com base nestes aspectos que nós elaboramos estes temas, para ajudar os nossos colegas dos outros cursos e para dar-mos a conhecer que não só aprendemos teoria, mas procuramos ligar esta teoria à prática.

Sou PIRILAMPO, tenho uma luz que a longa distância, e com muita luz não se vê. Mas, nas noites escuras, ao rasgo de uma luz, brilha a minha também.

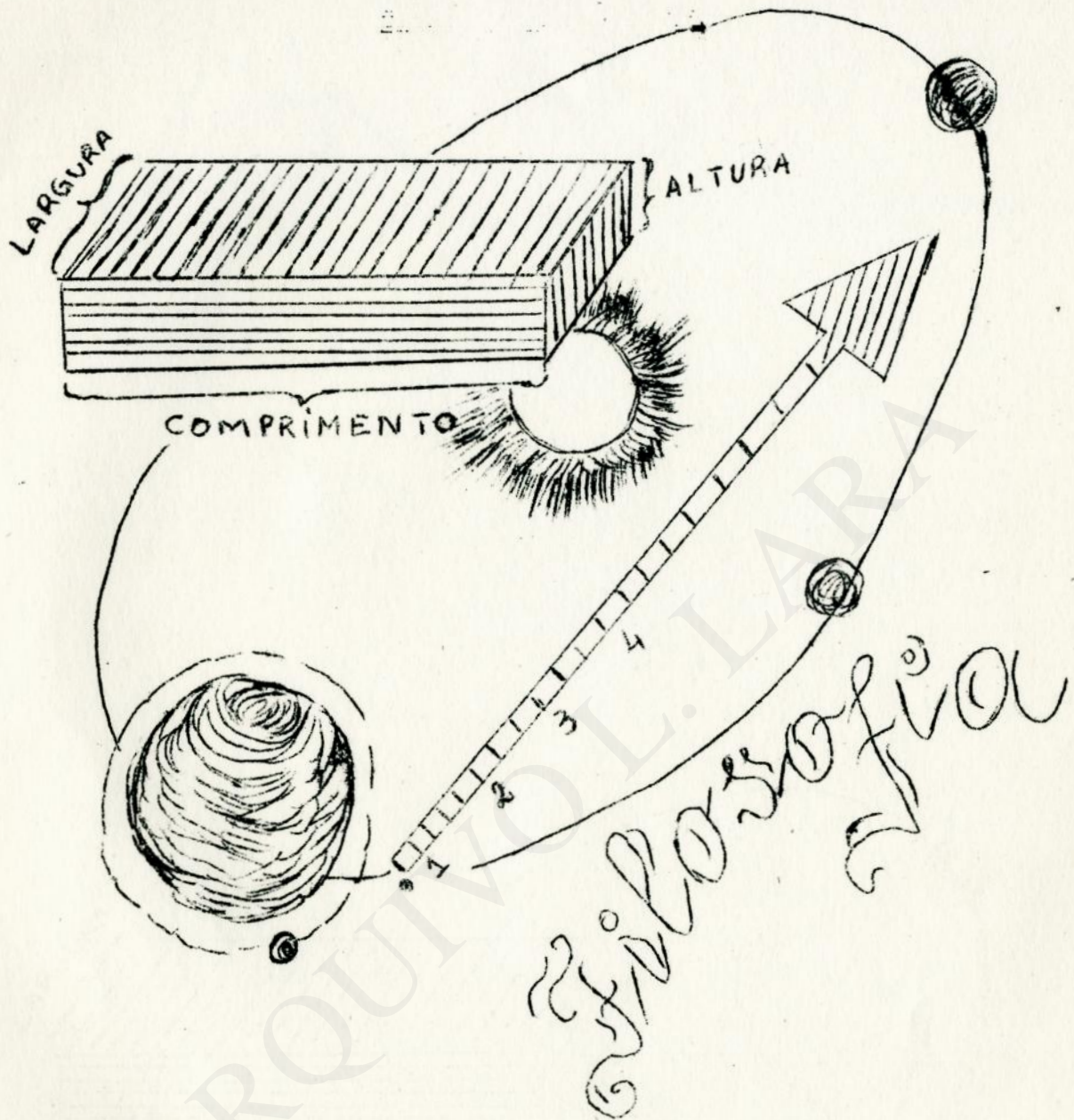
Nesse momento sou pobre, tenho apenas quatro temas. Porém tenho perspectivas — e são as minhas ambições.

A medida que fôr aprendendo as várias disciplinas do meu curso, dar-vos-ei a conhecer o que realmente aprendo.

Por isso, peço que me ajudem a alargar mais e mais os meus temas com as vossas sugestões, críticas e consultas.-

PIRILAMPO, saúda todos quanto terão a possibilidade de o ler

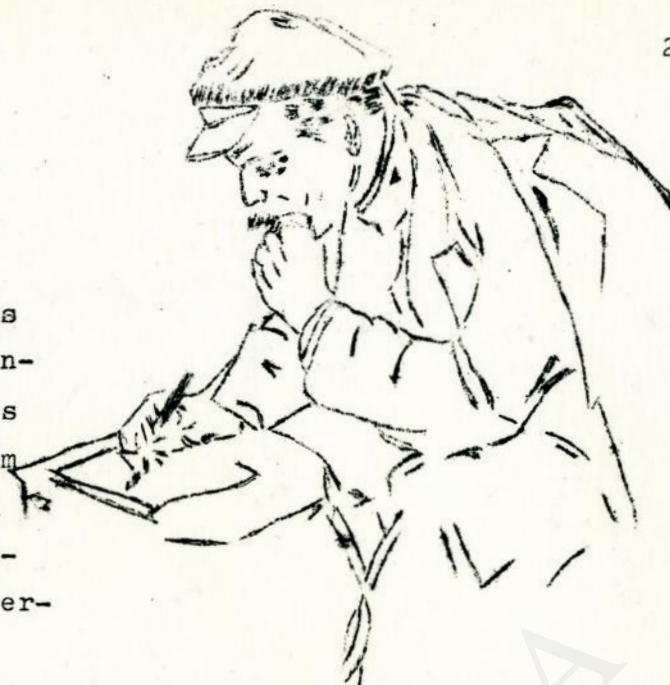
REDACÇÃO



" Com a imutabilidade do facto de o homem e a natureza só existirem no tempo e no espaço; seres fora do tempo e do espaço, criados pelos padres e alimentados pela imaginação das massas ignorantes e oprimidas da humanidade, são frutos duma fantasia doentia, artifício do idealismo filosófico, produtos impróprios dum sistema social impróprio. "

Lénine: Materialismo e Empirocriticismo
(O. C. Vol. 18, p.192-193)

Ao longo de decênios, o espaço e o tempo formas de existência de matéria em movimento tem constituído grandes problemas nos dois sistemas filosóficos mundiais, devido os vários critérios analíticos que os mesmos utilizam provocando imensos obstáculos na obtenção de um único critério metodológico investigativo para certas ciências concretas.



Nós, nesta pequena brochura filosófica, procuraremos mostrar a objectividade do espaço e do tempo de forma geral e dentro da sociedade com auxílio do conceito de formação económico social.

Partindo do problema fundamental da filosofia, no mundo existem dois campos distintos:

- O Idealismo e Materialismo.

O Materialismo define o espaço e o tempo como categorias filosóficas que exprimem a existência real dos objectos e fenómenos ou seja da matéria em movimento.

Em contraposição à concepção materialista, os filósofos idealistas dizem que espaço e tempo não têm existência real e que é apenas uma ideia do espírito "deus" uma simples maneira de pensar. Negam o carácter objectivo do tempo e espaço. Zenão de Eleia entende que - se a extensão fosse real tornaria impossível o movimento. Segundo este filósofo idealista " o movimento é uma ilusão se, a extensão existe; e se o movimento existe é a extensão que é a ilusão."

Refutando esta concepção, o Materialismo Diáléctico parte do princípio de que no mundo não pode existir senão matéria em movimento e que a matéria em movimento, não pode existir de outro modo, senão no espaço e no tempo. As transformações comuns à matéria, aos fenómenos em desenvolvimento, as mudanças internas e externas da matéria, só são possíveis, quando efectuadas no espaço e no tempo.

- Segundo a concepção burguesa, o lugar é a superfície interior de um continente em relação a um conteúdo mas considerada com imutável. Para eles pode ser distinguido por três características:

1- O espaço do censo comum

2- O espaço matemático segundo Descartes

3- Espaço filosófico

Para o senso comum, o espaço aparece como o grande receptáculo de três dimensões em que este contem todos os corpos.

Para o matemático, o espaço é uma grandeza contínua, homogênea onde só existem pontos sem dimensões e superfície sem espessura.

Para o filosófico, o espaço real é o lugar universal dos corpos, a relação das dimensões do universo com tudo o que elas envolvem.

Em oposição a filosofia Neotomista, o materialismo dialéctico, define o espaço como forma real de existência da matéria em movimento. O espaço caracteriza-se pela coexistência das coisas, pela sua disposição em relação as outras, pela sua extensão e o afastamento entre si. Por exemplo, todo o objecto tem uma extensão determinada: largura, altura e comprimento e encontra-se num determinado lugar. A concepção filosófica burguesa, definiu o tempo como número ou medida de movimento. Segundo eles - o tempo poderia não ter começos nem fim. Deus, com efeito teria podido criar um tal tempo.

Será que Deus é que criou o tempo?

Do ponto de vista da dialéctica materialista, o tempo caracteriza-se pela sequência dos processos de desenvolvimento, pela sua duração, pela sua irreversibilidade, pelo afastamento entre si de diversos estados de desenvolvimento.

Como formas de existência real da matéria, o tempo e o espaço têm as suas propriedades:

- São objectivos, existem independentemente da consciência do homem e não foram criados por Deus.
- São eternos, porque a matéria é infinita e o mundo não pode existir sem matéria em movimento.
- São ilimitados. Esta ilimitação, é expressa pelo conceito filosófico de infinidade. A infinidade do espaço, está dada pelo facto de que ao mover-se um determinado objecto, num lugar ou outro, nunca encontraremos limites que se possa ultrapassar.

O que quer dizer infinidade do tempo?

- Está dada pela imutabilidade.
- Está dada pelo seu carácter irreversível.
- Está dada pelo seu carácter ritmico e pela consecutividade da modificação de estados.

Em suma, os Neotomistas contemporâneos negam a existência objectiva do espaço e tempo. Engels, na sua obra a "Dialéctica da Natureza", escreveu - "Naturalmente que ambas formas de existência da matéria nada são sem a matéria, conceitos ociosos, abstracções que só existem na nossa cabeça." E

ainda sublinhou - " Quem separa espaço e tempo da matéria insiste na sua existência independente desta, atribui existência autónoma, independente, a algo imaterial que só se encontra na consciência." Lenin nos cadernos filosóficos sublinhou - "Mas isto significa passar as posições do idealismo, segundo o qual os produtos da nossa actividade de pensamento são essenciais autónomas. Tempo fora das coisas temporais, "Deus"."

Substimar o espaço fora do tempo e vice versa é absurdo. Então, espaço e tempo estão indissolúvelmente ligados.

Dentro do processo histórico, o conceito de formação económico social, tem carácter abstracto no qual sua existência, a consciência dos homens apercebe-se, sendo um conceito próprio das ciências sociais.

Partindo da história das formações económicas sociais, podemos analisar do ponto de vista da dialéctica materialista, a categoria filosófica espaço e tempo, já como é lógico as diversas formações económicas sociais historicamente concretas desenvolverem-se sobre condições distintas. O estudo de uma formação económica social, implica compreensão da história das sociedades como um processo histórico natural, regido por leis objectivas a ele inerente. Isto significa, que se deve caracterizar uma determinada formação económica social, não como sociedade abstracta, mas como a sociedade historicamente concreta, concebida no espaço e tempo, quer pela sua irreversibilidade, quer pelo seu carácter ritmico, quer pela sua duração e pela sua tridimensionalidade.

A aplicação deste conceito concretamente a Roma, no século III, vemos que a formação económico social que ainda existia era a escravatura. O facto de aplicar este conceito a um território, que tem ou possui extensão, ocupa um determinado lugar encontrando-se conexado a outros territórios, constitui uma propriedade universal da matéria, do qual o conceito filosófico o reflete. Contudo, filosóficamente Roma possui comprimento, largura e altura do qual o sistema económico e social é responsável no tocante a inviolabilidade do território. Esta unidade geográfica, mostra-nos que o espaço é tridimensional.

A formação económica de que falamos, teve concretamente o seu início, direcção e fim. No desenvolvimento da mesma, foram-se agudizando as contradições próprias a ela, de maneira multilateral formando-se e processando-se transformações quantitativas, que num determinado grau de duração possibilitaram transformações profundas qualitativamente novas, dando origem ao aparecimento de uma nova formação económica social. Esta propriedade universal das formações económicas sociais, transcorrem uma após outra

e desenvolverem-se por etapas, é refletido pelo conceito filosófico tempo. A sucessão de uma por outra, dado pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas, mostra-nos a irreversibilidade do tempo, tanto como também a sua unidimensionalidade.

O espaço e tempo, constituem formas universais de existência desta, ou daquela formação económica social e do desenvolvimento histórico natural da sociedade, ou seja de todo o movimento social. No mundo formações económicas sociais, só podem aparecer num determinado espaço e tempo pois/deles não existem. Por isso, estes últimos têm sentido absoluto.

O surgir e perecer das formações económicas sociais num ou noutro território, mostram-nos com clareza que estas estão em constante movimento, propriedade dialéctica de toda a matéria.

O conceito de formação económica social, aplicado a um país numa época histórica e concreta, mostra-nos o limite de espaço e tempo dela, caracterizando-os como relativos.

Enquanto existir sociedade, haverá sempre formação económica social, que só pode existir no espaço e tempo, demonstrando assim, o carácter infinito e eterno destes.

Se compararmos a nossa realidade, temos factos concretos que nos ilustram a existência real de espaço e tempo. A abordagem científica deste problema, as grandes transformações e a tendência do processo de desenvolvimento da nossa sociedade também os ilustram.

Antes do período colonial, isto é, nos fins do século XIII, vivia-se em Angola uma fase de transição do comunismo primitivo a escravatura. Aqui, cabe-nos ressaltar, que nos meados do século XV (1482), começa-se a sentir-se os primeiros germens de ocupação portuguesa que se pode considerar como primeira etapa. Uma segunda etapa (1500 à 1585) que caracterizou-se pelo tráfico de escravos. De 1585, começa a terceira etapa que se prolonga até 1910, no qual Portugal tem quase domínio de todo o território já sob exploração capitalista.

Em 1956 foi fundado o M.P.L.A.. O espírito sob o qual se fundou foi devido, ao conjunto dos fenómenos que se desenvolviam em Angola, transformando-o em instrumento de combate a todas as formas de subjugação colonial. Em 1961 começou a luta armada conduzida pelo M.P.L.A.. A luta política e armada, teve mudanças quantitativas e qualitativas, tendo em conta as leis do processo de desenvolvimento social, processadas dentro do espaço e tempo.

Sob liderança do guia imortal camarada António Agostinho Neto, fundador da Nação e do MPLA-Partido do Trabalho, o povo angolano ascende a 11

de Novembro de 1975 a sua independência. Com a ascensão à independência, o povo angolano dirigido M.P.L.A. optou pelo Socialismo Científico. É assim que o M.P.L.A. a 10 de Dezembro de 1977, dentro do território angolano constituiu-se em Partido do Trabalho, abrindo assim uma nova época na História da Humanidade.

Para caracterizar todo o desenvolvimento social angolano, efectuado dentro de um espaço e tempo, o camarada Presidente A.A. Neto afirmou:

"Se o passado foi de luta, o presente é um presente de luta e o futuro também será de luta."

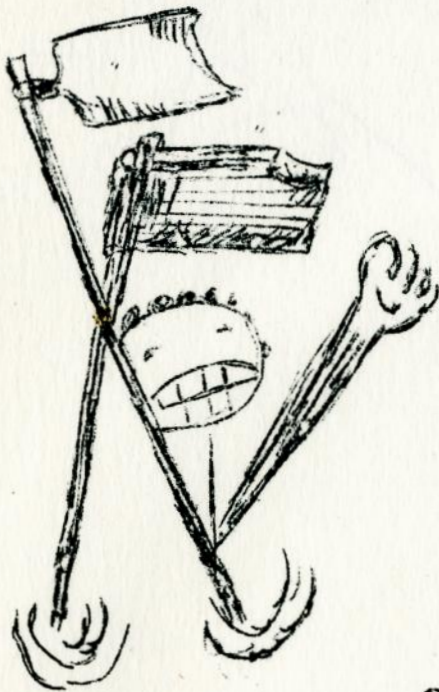
Isto é, que o passado foi de luta pela independência nacional e derrota do colonialismo, o presente, é de luta pela consolidação da independência nacional e construção das bases técnico-materiais do socialismo e o futuro será pela construção das bases sólidas para a sociedade comunista e criação de um Homem Novo.

NOTA DE REDACÇÃO:

FORMAÇÃO ECONÓMICA SOCIAL - esta é constituída pela base económica (Relações de produção) e superestrutura (ideias, organizações como o Estado, Exército, Formações políticas, sindicatos, etc. e Relações.). Ainda é formado por outros elementos estruturais tais como: Relações familiares, Relações nacionais, Ciências Naturais, Linguagem, etc.

ALTURA DE ROMA

- Está dada pelo seu espaço aéreo



Economia
Política

"Entre a sociedade capitalista e a sociedade ~~comunista~~
comunista, situa-se o período de transformação revolucionária da
primeira na segunda. Corresponde-lhe um período de transição po-
lítica em que o Estado só poderá ser a ditadura revolucionária
do proletariado."

Karl Marx: Crítica do programa de Gotha

QUAL A NECESSIDADE DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO?

A Economia Política considera a transformação do capitalismo ao socialismo, como uma continuidade do desenvolvimento ascendente de todos os fenómenos materiais e espirituais das sociedades anteriores. Ao mesmo tempo a sociedade socialista recebe como herança do passado, categorias ligadas ao carácter social da produção, anulando a natureza da exploração e dando-lhe novo conteúdo que corresponde ao tipo de ser da sociedade socialista.



Porém, o método da Economia Política ao analisar qualquer processo, une o aspecto histórico ao aspecto lógico.

Para que uma tendência de desenvolvimento histórico se torne concreta, é necessário demonstrar como esse processo nasceu, desenvolveu e quais as tendências a delinear. Quer isto dizer, que ao analisar-se as relações de produção socialista, é preciso iniciar do ponto onde começou a sua edificação. Para o início do socialismo impõe-se necessariamente um período de transição, onde decorrem transformações no campo político, económico, social e cultural.

No período de transição, as transformações no campo económico estão ligadas com o derrubamento da propriedade privada e com a consolidação da dominação da propriedade social e é precisamente a partir deste último, que começa o movimento progressivo da construção do socialismo.

- A necessidade do período de transição do capitalismo ao socialismo, é indispensável, para a resolução das tarefas planicadas na revolução socialista, que começa com a conquista do poder político pelo proletariado e culmina com a edificação do comunismo.

- O período de transição do capitalismo ao socialismo é necessário, porque o socialismo não pode prosperar dentro do modo de produção capitalista. Este apenas cria as condições materiais, já que a sociedade socialista não aparece nem cresce num espaço vazio.

- Porque ainda coexiste a contradição económica fundamental, que

é entre o socialismo nascente, débil nos primeiros momentos, mas ao qual o futuro pertence e o capitalismo moribundo ainda forte de momento, mas representando o passado, o qual reflete necessariamente grandes lutas de classes.

Dai que a nossa análise só será mais rica em conteúdo, se passarmos directa e concretamente ao nosso país.

Derrotado o colonialismo português, criaram-se pois, as condições para a passagem a uma etapa de luta, assim como as vias e tarefas para a concretização da nossa independência que permite satisfazer os desejos de liberdade, progresso e bem estar social do povo angolano.

Com a proclamação da independência e a criação da R.P.A., o M.P.L.A. definiu a nova etapa de luta, a Revolução Democrática Popular - Etapa de transição do capitalismo ao socialismo -. Dentro desta etapa, Angola encontra-se na fase da Reconstrução Nacional. Nesta fase todas as classes patrióticas dirigidas pela aliança operário-camponesa, exercem uma ditadura contra os reaccionários internos e externos.

O Lider Imortal da Revolução, camarada António Agostinho Neto, definiu os objectivos e apontou as tarefas a executar, aquando do nascimento da República Popular de Angola, dizendo:

"Realizando concretamente as aspirações das largas massas populares, a R.P.A. sob a direcção do M.P.L.A. caminha progressivamente para um Estado de Democracia Popular. Tendo por núcleo a aliança dos operários e camponeses, todas as camadas patrióticas estarão unidas contra o imperialismo e os seus agentes na luta pela edificação de uma sociedade sem exploradores nem explorados.

(...) Porém, a nossa luta não termina aqui. O objectivo é a independência completa do nosso país, a construção de uma sociedade justa e de um Homem Novo.

(...) A luta pela independência económica, será consequentemente uma constante da nossa estratégia.

(...) No entanto, tendo em conta o facto de Angola ser um país em que a maioria da população é camponesa, o M.P.L.A. decide considerar a agricultura como base e a indústria como factor decisivo do nosso progresso.

(...) Longo caminho teremos de percorrer. Teremos de pôr a funcionar em pleno, a máquina económica e administrativa, combatendo o parasitismo de todo o tipo, acabar progressivamente com as distorções entre os sectores da economia, entre as regiões do país, edificar um Estado

de Justiça Social. A economia será planificada para servir o Homem Angolano e nunca o imperialismo devorador. Ela será permanentemente orientada para uma economia autocentrada, isto é, realmente angolana.

(...) O regime de Democracia Popular só se atinge, quando as classes operárias e camponesas estiverem realmente à exercer o poder, não somente na formação de estruturas políticas mais ou menos aperfeiçoadas, mas também a estruturação de uma base económica, sobre qual o poder político assente. É na realidade, a base económica que determina o carácter do poder político."

Isto quer dizer, que somos independentes no ponto de vista político, mas não do ponto de vista económico. Por isso, a construção da base económica de verá no seu devido tempo ser levado a cabo, mas dentro do período de transição, começando pela socialização paulatina dos meios de produção, pelo aumento constante da produção e da produtividade, pelo desenvolvimento de maneira planificada e em proporção com os ramos de economia nacional na sua totalidade, pelo emprego da técnica mais avançada de acordo com as nossas condições concretas, no sentido de satisfazer as necessidades crescentes de todo o povo.

Independentemente das particularidades do período de transição nos diferentes países de acordo com a situação concreta de cada um deles a essência desse período de uma maneira geral podemos definir do modo seguinte:

Período de separação e liquidação completa da propriedade privada capitalista e do estabelecimento do domínio único da propriedade socialista sobre os meios de produção; Etapa de transformação revolucionária do regime capitalista em socialista, da edificação do sistema económico socialista; Da liquidação da exploração do Homem pelo Homem, bem como da criação de uma superestrutura socialista.

Podemos ainda concluir, que o período de transição não é ainda uma Formação económica definida, mas sim a época da construção das bases materiais e técnicas do socialismo que já é uma Formação económica concretamente definida.

Porém, vejamos como nos define o nosso Líder, no ponto de vista dialéctico, no seu discurso proferido na Conferência dos Trabalhadores Angolanos:

" O longo período transitório da sociedade colonial para a sociedade socialista, exigirá uma forma multiforme de organização económica.

O crescimento constante do sector estatal, do sector cooperativo camponês, e a diminuição constante do sector misto do capital privado, vai exprimir a marcha da nossa transformação económica para o socialismo".

Como parte integrante da confrontação dos sistemas do capitalismo e do socialismo, verificamos concretamente que em Angola, coexiste grandes contradições de classes, formulada pelo Relatório do Comité Central, em que o Povo Angolano sob a direcção do MPLA-Partido do Trabalho, luta contra as forças da reacção interna e externa, que constitui o fulcro de toda a luta.

Com a experiência histórica do nosso país em que as condições objectivas e subjectivas amadurecem, de acordo com as leis objectivas, a liquidação do poder dos exploradores só é possível com a instauração da Ditadura do Proletariado.

A luta de libertação económica adquire grandes proporções e começa a converter-se em luta contra as relações sociais de exploração, no sentido de consolidar o poder político com o poder económico, como base de uma nova sociedade, sendo de importância relevante a transformação ideológica do Homem.

Apesar de que em Angola, coexistirem ainda cinco tipos de economia, como consequência das transformações já verificadas, tal processo, tem tido um carácter progressivo e democrático o que constitui as premissas para a consolidação da economia como base da construção do socialismo.

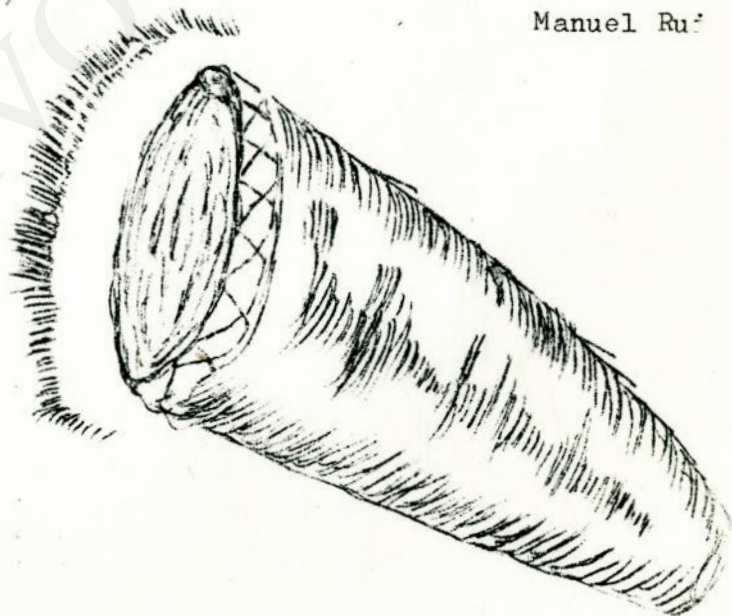
EM LÁ MAIOR

Lá da estrada
acelera
é cada lada
lado de lá/se há
o poste espera.
Lada que era/cá
lada acelera
cada
lada.

Depois o motorista janta
e ficou lá
o poste lá-
da estrada
do lada
quase nada.

Mais longe o campon
sem ler sem saber de
de cada lada à vista
semeia mais jantan
pró motorista
semente em cada mão
sem ter de lá-
da agricultura
um lada para cá
um cada lada-
em pista.

Manuel Ruí



A Nota

Memória

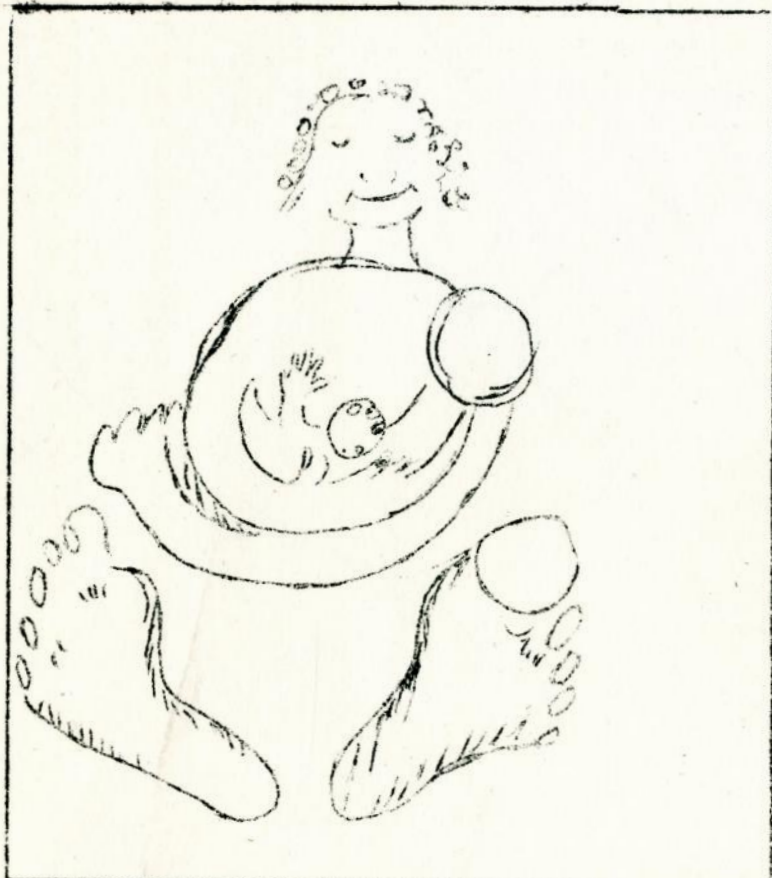
ARQUIVO L. LARA

MORRER...

Eu,
 Soldado na trincheira de
 Kunene
 Kuando Kubango
 Firme na defesa da minha
 Pátria
 De arma na mão
 Luto para o triunfo do
 Socialismo
 Para a unidade
 Nacional
 Morrer para o bem estar do
 Meu Povo
 Morrer para a Defesa da
 Integridade Territorial
 Vencer o inimigo é o meu
 Objectivo.
 De baixo da chuva onde
 Quaisquer intempéries
 Marcharei para o campo de
 Batalha.
 Prefiro morrer de arma na
 Mão
 Morrer para o triunfo do
 Socialismo.
 Cedo ou tarde
 Nas margens do Kunene ou
 Kubango
 Ninguém impedirá o
 Meu sonho
 Morrer para o triunfo do
 Socialismo.
 Na clareza da Lua
 Observando a multidão
 De estrelas no
 Céu nocturno
 Ando para libertar
 O meu Povo



Libertá-lo da miséria
 Da fome
 Da exploração do homem
 Pelo homem
 Morrer para o triunfo
 Do Socialismo.
 Os passáros cantam
 O canto matutino
 O capim dança
 O ritmo do frescor
 Matutino
 Morrer para o triunfo
 Do Socialismo.
 De arma na mão
 Ensinamentos de Neto
 No coração
 No caminho aberto para
 Os combater
 Vou morrer para
 A Unidade Nacional
 E para o triunfo do Socialismo.



Passaram trinta anos, sô Bento já na Ilha de Luanda vivia com a esposa e dois filhos e outros, parecia tarde inda para nascer.

Mas afinal, Marta, o tempo da gestação finara-lhe naquela aurora de domingo sereno.

Na frente da imanente ânsia de parir depressa ela gastou do corpo devoção muita. Nessa manhã o ressequido céu vomitou água, o mar se inundou, os peixes sorriram o já gáudio do tempo das chuvas. Lá fora do quarto refregas de vento suave corriam, estavam, desferir o advento da

mudança de clima. Marta os olhos mostravam, ela toda a noite passou-lhe a aguilhada. Até então ela tinha mania de pôr euforia no ventre quando ameaçava carracundar-lhe na cara, ela confiava no frescor do tempo seco. Mas nessa madrugada, o sentir taquicardia, o cair chuva desmedidamente fêz-lhe presentir ela ia indefectivamente dar rebento um novo ser.

Já teve muitos. Em todos ao marido devia os espasmos dos vizinhos, é que ela nascera os meninos sem arranjar macas nas cabeças das parteiras tradicionais. Porém, neste, ela estava sentir só dores de cabeça, ela estava já a fazer ginástica do corpo.

O marido despertou enxergou-se da maca, e afanazamento procurou as melhores maneiras de auxiliar na companheira.

Lá fora a terra sentiu-se um pouco aliviada da chuva. Sô Antônio aproveitou correr nas parteiras da Ilha. No coração sentiu uma coisa entenebrecer-lhe tal ideia, estava parecer dizer não valia a pena era melhor levar a esposa na maternidade. Regressou no quarto, viu de facto ela, estava mesmo o conjurar. Ela na glote os gemidos se espiravam parece trovão recente. Sô Antônio não pode exinir-se da maca de levar uma mulher concebida nas portas do hospital de quem tem dinheiro, é que o estado de coisas estava a degenerar.

-Marta, vamos no hospital. Ela permaneceu pálida. Tens de ir no hospital. Senão...

Isso é que Marta menos esperava. Não tinha confiança no hospital, via, costumava redimir muitos meninos de senhoras. Mas sair de lá viva o me-

nino negro, jamais viu nos olhos. Como era fanática na religião aquela injustiça agachara-lhe nos ritos dos domingos. Muita malta da Ilha, esta ainda no gozo do sono, pois ninguém no céu podia esquecer réstaa de sol alvinitente.

Marido e esposa levaram nos pensamentos deambular nisso e só fene-
ceram-lhes quando estavam nas vistas do hospital. Na porta deste, Sô António Bento se enganou embelezar o português. O negro porteiro ocultou-lhe a camara-
dagem (era dos seus) começou fazer-lhe pouco.

—Que quer?

—O minha mulher está grávida...

—O quê, você não sabia ir nos kimbandas?

Lá é que é o vosso hospital.

Sô António Bento cresceu-lhe raiva, rangeu nos dentes, apeteceu-
-lhe ofertar socos no porteiro, mas preferiu congeminar eufemismo na situação.

—Veja só a minha mulher...

Lá o porteiro lhe foi chamar o branco, mas este respondeu-lhe:

—Diga-lhe que aqui só atendem civilizados.

Neste momento, o hospital saia uma mulher branca de bebê ao colo
tinha acabado de expulsar. O porteiro dirigiu-se a Marta e seu marido, abriu-
-lhe voz.

—O branco disse...

Surgiu outra branca nas mesmas condições que Marta e o branco
apresentou-se a atender.

—João...Entre minha senhora. Oh João, conduza a senhora ao médico.

—Sim senhor.

Marta esta sentir as dores do parto picar-lhe cada vez mais nas
entranhas, a vigília da noite carregar-lhe sono e o branco por cima troça-lhe.
Não queria acreditar mas, de repente lembrou nos meninos brancos que vira sair
de lá vivos e gritou:

—Senhor deixa mi entrar!

O branco virou-lhe as costas baubuzeando:

—Os pretos vão mais é à merda!

Marta quis gritar segunda vez, lembrou nos meninos negros cujos
pais eram ricos que jamais virá sair de lá vivos, emudeceu. Em volta dela aglo-
meraram-se quitandeiras, outras chamavam-lhe num canto.

Marta arrastaram-lhe para debaixo de uma árvore e nas folhas ver-
des caíam pingos de água mostrando um pouco de facécia na frieza de nascer de
um negro.

Atolens
Comarada
Presidente,



" A Revolução vai continuando, a Revolução vai triunfar.
Alguns de nós podem desaparecer. Alguns de nós podem
ser liquidados na primeira esquina. Mas a Revolução vai
continuar ".

A. Agostinho Neto



O POETA IMORTAL

O Poeta de que falaremos não necessita de ser apresentado como homem, pois o seu nome é respeitado em todo o mundo progressista. No entanto, o poeta é respeitado como homem de acção — eis como o mundo conhece Agostinho Neto, tanto o mundo progressista como o outro. Como porta voz de um povo que luta pela liberdade, tornou-se figura simultaneamente amada e temida. É amado ou temido como chefe de uma luta pelo futuro, luta que tem de ser empreendida por todos os homens de todos os tempos e lugares.

Falaremos de um homem que nasceu no interior dos muros e barreiras de opressão e que, mais tarde, atingida a maturidade, foi frequentes vezes encerrado em prisões, por recusar a autoridade desses muros e por desafiá-los com uma força própria, força que tentaram infrutiferamente, sustar e esmagar. Os poemas que escreveu revelam que a sua força residia na sua íntima identificação com a verdade do seu povo, por mais dura e até terrível que esta seja, de modo que a sua visão encontrou as portas da compreensão e do engrandecimento, atravessando-as, triunfante,

mesmo quando a opressão atingira o auge. São, pois, os poemas dum humanismo profundo que expressam um inextinguível amor à vida.

Os seus poemas contam as realidades de África, são parte de África e dizem respeito à África. Contudo, são mais do que isso. São também universais e de uma forma tão inelutável como a semente está ligada à flor, a árvore ao fruto, o poeta ao poema.

A poesia demonstra que a palavra se pode utilizar como uma arma contra o colonialismo, contra a exploração, enfim, contra a injustiça. E a lucidez expressa nos versos do grande Poeta que foi o Fundador da Nação Angolana e do MPLA-Partido do Trabalho, é simultâneamente de um intenso lirismo.

Apesar do seu cunho político, o conteúdo da poesia de Agostinho Neto, não se relaciona de imediato com a engrenagem da ciência (política).

Na " Sagrada Esperança " estão reunidos a maior parte dos poemas do Grande Revolucionário. Os primeiros datam de 1945, altura em que o Movimento Cultural nacionalista desenvolvia em Angola uma intensa actividade.

Nasceu em Kaxikane, localidade situada a cerca de 60 quilómetros de Luanda, em 17 de Setembro de 1922. Após ter concluído o curso liceal em Luanda, trabalhou algum tempo nos Serviços de Saúde.

Logo se tornou uma importante figura no Movimento Cultural Nacionalista mas, tencionando cursar medicina, partiu em 1947 para Lisboa.

Nos primeiros anos da década dos 50 surgiu em Portugal um Centro de Estudos Africanos fundado por um grupo de estudantes e intelectuais provenientes das Colónias. Foram Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário de Andrade e outros, os fundadores do Centro. No entanto, as suas actividades foram proibidas pelas autoridades fascistas e o Centro encerrado.

A actividade política de Agostinho Neto cedo o levou a experimentar a prisão. Em 1951 foi preso quando reunia a assinatura para a Conferência Mundial da Paz de Estocolmo e passou três meses na cadeia de Caxias, em Lisboa.

Em liberdade, o Poeta continuou a desenvolver as actividades com as quais se havia comprometido e tornou-se representante das Colónias Portuguesas no Movimento Juvenil, o MUD. No decurso de um comício foi preso pela polícia política do ditador Salazar. Agostinho Neto era, no entanto, um homem de acção. Preso em Fevereiro de 1955, só mais de dois anos depois (Junho de 1957) é libertado.

Um primeiro opúsculo dos seus poemas é publicado em 1955 em Portugal sob o patrocínio da Casa dos Estudantes do Império. Costa Andrade, no prefácio " com os olhos secos " (título com que foi inicialmente publicada, em

1963 em Itália " Sagrada Esperança ") conta que após a sua chegada à Luanda e numa única tarde a totalidade da edição foi quase totalmente absorvida pelos habitantes dos musseques. Quando a polícia veio apreender o livro não restava um só exemplar... A sua poesia converteu-se numa bandeira vermelha.

Assim, o poeta não está isolado. Na cadeia onde escreveu uma boa parte dos seus poemas desenvolveu a sua temática de luta: a labuta e a resistência do seu povo (de toda a África), a herança de séculos de escravidão, as paisagens ensombrecidas pela colonização.

Do egoísmo regional, a poesia do Ilustre Combatente pela liberdade, abre caminho para a universalidade. A importância deste aspecto é revelada pelo protesto que desencadeou a sua prisão nos meios intelectuais da Europa. São, indiscutivelmente nomes influentes como JEAN PAUL SARTRE, ANDRE MAURIAC, SIMONE DEBECEUVOIR, que assinam petições pela libertação do poeta que viria a ser o primeiro Presidente de Angola.

Depois de ter licenciado em medicina em Lisboa e ter casado com Maria Eugénia, o Dirigente nacionalista Angolano avança na senda da consciencialização política do seu povo, já no seu país, o que lhe vale de novo a prisão e a contínua vigilância das autoridades coloniais sobre a sua pessoa. Os seus poemas tinham sido já publicados em antologias e revistas literárias em sete idiomas e devido a uma grande campanha internacional, Agostinho Neto é solto (1962) mas com residência em Portugal, donde saiu clandestinamente, chegando à actual Kinshasa em 1962.

Em Dezembro desse mesmo ano na primeira Conferência Nacional do MPLA foi eleito seu Presidente.

A coletânea " Sagrada Esperança " foi entretanto publicada em diversas línguas e a obra do Poeta Angolano passa a constituir património da humanidade. Daí o ter-lhe sido atribuído em 1970 pela quarta Conferência dos Escritores AfroÁsiáticos, o prémio Lotus.

Os poemas de Agostinho Neto são, para além de um relato intemporal das misérias de um povo subjugado pela força, a expressão da esperança concretiza-se por fim, de liberdade. É das palavras do poeta que se extrai a certeza do avanço do povo vexado em direcção a um futuro mais digno, que saberá conquistar, pois a ele tem direito.

Mas o poeta não tem ressentimento. A via apontada ao longo das suas linhas profundamente humanas é a do reencontro do homem africano com a sua própria identidade.

Jamais afirmava no ar sem alicerçar. O vocabulário ajusta-se bem ao

pensamento, e as descrições saiem-lhe coloridas, vivíssimas, destacando-se as figuras com traços de poderoso realista.

E, se falamos de homem africano, é porque o poeta se identifica com todos os povos do continente, caminhando na sua vanguarda, apontando os objectivos para a conquista do seu lugar num mundo geral para todos.

Finalmente, a independência nacional colocou Agostinho à frente da direcção do jovem mas já vigoroso Partido do Trabalho e antes, em 11 de Novembro de 1975, por reconhecido mérito, como primeiro cidadão do Estado. Nova etapa na sua actividade político-intelectual.

Foi criada a União dos Escritores Angolanos. Como não podia deixar de ser, o Presidente Agostinho Neto indicado para presidir a Associação dos valores literários do País.

Este ano reuniu-se em Luanda a Sexta Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos. O Presidente Agostinho Neto recordou na ocasião a responsabilidade do escritor na formação da consciência dos Povos.

São as suas palavras, proferidas na ocasião, matriz ideal da arte dos (poetas que anunciaram o novo dia, como Lénine ou Einstein) ou ele próprio: "A virtude do pensador será sempre a ser capaz de intervir a nível local e universal".

Nesta hora difícil para a nossa vida, não nos é possível esconder a emoção que nos causa o falecimento do Camarada Presidente Agostinho Neto. Neste momento não ouvimos mais as calorosas e revolucionárias palavras daquele que soube insuflar em todo o Povo os mais profundos sentimentos de estima, de fraternidade, de coragem. Nesta ocasião apenas temos os ensinamentos do Camarada Agostinho Neto a iluminarem-nos o caminho que nos resta percorrer para o futuro. Porque a vida e a luta do Camarada Doutor Agostinho Neto tem a dimensão histórica da nossa Pátria, pois nela, se reuniram as virtudes superiores do Revolucionário sem mancha, do Militante total, do intelectual e poeta universal, do médico profundamente humano, do Chefe Amigo, do Líder clarividente, do Companheiro de todas as horas, do incansável servidor do País.

VIVA PARA SEMPRE A MEMORIA E OS ENSINAMENTOS DO CAMARADA

PRESIDENTE AGOSTINHO NETO

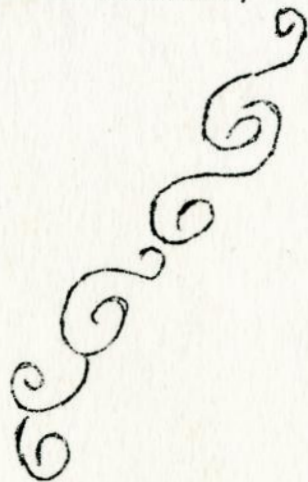
GLÓRIA IMORTAL AO GUIA DA REVOLUÇÃO ANGOLANA

FUNDADOR DA NAÇÃO

E DO MPLA-PARTIDO DO TRABALHO

Crônica da Nossa Casa

Os alunos do curso de três anos terminaram o terceiro semestre, com êxitos.



Cumprindo a palavra de ordem: " 1979-
-Ano da Formação de Quadros ", iniciou no passado dia 8 de Novembro, o II curso de Quadros, onde fazem parte camaradas vindos de todas as províncias. Esse curso, mostra-nos a preocupação dos nossos dirigentes em dar cumprimento as decisões do nosso Congresso.

Ainda sobre a formação de Quadros, teve início também, um curso para os órgãos de informação. E encontra-se em Cuba o nosso Sub-director docente a frequentar um curso de metodologia.



Comemoramos o 11 de Novembro sob a palavra de Ordem: " Façamos deste 40 aniversário, uma jornada de Luta pelo reforço da Unidade Nacional e a Pureza no seio do Partido ", com uma sessão política e cultural. Nessa sessão os alunos do curso de 1 ano apresentaram peças teatrais e poesias.



B I B L I O G R A F I A

Friedrich Engels: Dialéctica da Natureza

Vladimir I. Lénine: Cadernos Filosóficos

F. V. Konstantinov: Fundamentos da Filosofia Marxista-Leninista

Ivan Ulianiev: Manual de Economia Política

Documentos do I Congresso do M. P. L. A.

Revista Novembro nº25 Setembro/79

Jornais de Angola (exéquias fúnebres do Cda. Presidente A. Neto)

OBS: As críticas e sugestões deverão ser endereçadas à Escola
Nacional do Partido - Alunos do curso de 3 anos I